

## ARTIGO

### **Um encontro de origens diversas: a presença de migrantes e imigrantes na composição da classe trabalhadora do ABC Paulista**

*Antônio de Almeida/UFU*

A lente distanciada que capta em visão panorâmica a imagem global dos trabalhadores da região do ABC Paulista<sup>1</sup> nos apresenta um gigantesco cenário com marcantes traços de homogeneidade. Nas fábricas, nos bairros, no comércio dos centros urbanos, enfim, nos diversos espaços dos encontros coletivos o que se nota é a presença de uma multidão com práticas cotidianas bastante semelhantes. Mesmo reconhecendo a evidência dessa constatação, uma focalização em ângulo aproximado possibilita ao pesquisador distinguir singularidades (étnicas, lingüísticas, traços de manifestações culturais) que, pelas suas próprias características, se apresentam como indícios anunciadores de uma complexa pluralidade que envolve os sujeitos presentes no interior daquela unidade.

Perseguindo essas pistas, tendo em vista compreender essa multifacetada composição da classe trabalhadora local, ao longo do desenvolvimento deste trabalho duas ordens de fatores puderam ser detectadas como significativamente relevantes: a imigração estrangeira para o Brasil, principalmente a européia, e o processo de migração interna, envolvendo em diferentes períodos e circunstâncias vários estados e regiões brasileiras.

No primeiro caso, a presença do trabalhador europeu, naquela região, deve ser compreendida a partir de elementos que estão situados num contexto mais amplo da realidade brasileira, e até mesmo européia, que tiveram lugar em fins do século passado e início deste. Ou seja, mesmo tendo presente a amplitude e a complexidade que envolvem o fenômeno da imigração européia para o Brasil, percebe-se que ela ao mesmo tempo que revela fatores intrínsecos à realidade daquele continente, como questões demográficas, econômicas ou de conflitos entre os povos, também, se apresenta como alternativa para a produção agrícola brasileira naquele período, quer seja para suprir a necessidade de mão-de-obra dos grandes produtores rurais, principalmente cafeicultores, quer pela promoção da colonização de áreas inexploradas.

De fato, os imigrantes que chegaram ao ABC, entre as duas últimas décadas do século passado e as duas primeiras deste, encontraram na agricultura a sua principal atividade econômica<sup>2</sup>.

Os pioneiros da imigração italiana na região instalaram o seu primeiro núcleo agrícola em São Caetano, em 1877. Dedicando-se inicialmente à cultura de videiras, só bem mais tarde despertaram interesse por produtos argilosos, o que resultou na criação de várias olarias<sup>3</sup>. Na seqüência, várias outras colônias agrícolas foram criadas, nas imediações daquelas primeiras, pelas sucessivas levadas de italianos e outras nacionalidades de imigrantes europeus que, atraídos pela propaganda oficial do governo brasileiro ou incentivados pelas próprias famílias aqui já instaladas, não paravam de chegar.

Aliás, o grande interesse demonstrado pelos imigrantes em promover a vinda de seus parentes para o Brasil, no começo deste século, suscitou o aparecimento de atravessadores que, a título de prestar um serviço de intermediação entre o governo e os interessados, passaram a extorquir dinheiro das famílias aqui estabelecidas. Em São Paulo, através da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o governo desencadeou uma campanha de esclarecimentos junto às câmaras municipais, visando tornar pública a gratuidade desse serviço prestado pelo Estado e, ao mesmo tempo, procurando coibir aquilo que era então qualificado como criminosos abusos de exploradores<sup>4</sup>.

Em São Bernardo, os italianos fixaram suas colônias agrícolas na região onde hoje estão os Bairros Riacho Grande, Demarchi, Batistini e Assunção, produzindo vinho, batata e carvão. No Bairro Assunção, somente a partir de 1940, os descendentes dos imigrantes começaram a vender aquelas colônias para os empreendedores imobiliários que promoveram, a partir de então, os seus primeiros loteamentos<sup>5</sup>.

No caso de Ribeirão Pires, as quase três centenas de pessoas ali residentes, em meados da década de 1890, dedicavam-se quase exclusivamente à agricultura. Dentre elas, excluindo-se os 30% de brasileiros e uma pequena quantidade de alemães, austríacos e portugueses, a grande maioria, cerca de 60%, era composta por italianos<sup>6</sup>.

Na colônia do Rio Grande, um boletim da escola local referente aos registros do ano de 1918 não deixa margem a dúvidas: de um total de vinte e nove alunos ali matriculados, cerca de 97% eram filhos de pais estrangeiros, sendo que em apenas um caso os pais eram de nacionalidade brasileira<sup>7</sup>.

Nos anos 1920, acontece a fundação do Bairro Valparaíso, em Santo André, que tem a maioria de sua população composta por poloneses, suíços, lituanos, alemães e húngaros. Daí, o apelido de Bairro dos Gringos<sup>8</sup>, atribuído pelos moradores de outras áreas da cidade.

Nesse contexto, com a instalação das primeiras indústrias na região<sup>9</sup>, a presença da mão-de-obra estrangeira tornou-se altamente expressiva. A exemplo do que ocorria na vizinha cidade de São Paulo (que, em 1920, tinha 52% de toda população adulta constituída por estrangeiros)<sup>10</sup>, e de outras regiões do país onde a industrialização começava a tomar corpo<sup>11</sup>, o ABC também não foge à regra. De toda sua população formada por pessoas com 15 anos ou mais (ou seja, o segmento populacional de onde se extraía quase a totalidade da mão-de-obra) os estrangeiros somavam 42,4%, conforme demonstra a tabela seguinte:

#### POPULAÇÃO COM 15 E MAIS ANOS, SEGUNDO A NACIONALIDADE (1920)

Região do ABC\*

Nacionalidade	N <sup>o</sup> s absolutos	% de estrangeiros sobre o total da população com 15 e mais anos
Brasileiros	8.677	57,62%
Estrangeiros	6.381	42,38%
Total	15.058	100,00%

\* No período de 1890 a 30 de novembro de 1938 a Cidade de São Bernardo foi sede de toda a região do ABC.  
Fonte: Ministério da Indústria e Comércio, Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento de 1920.

Lamentavelmente, a não realização de censos demográficos na década de 1930 torna-se um grande obstáculo para os pesquisadores desse tema, pois esse significativo período da história dos trabalhadores urbanos do país fica carente de dados mais precisos. No caso do ABC, entretanto, as informações fornecidas pelo Cartório de Registro Civil de São Caetano dão provas de que, por mais de uma década, a presença da mão-de-obra estrangeira na região manteve-se proporcionalmente relevante. De acordo com o Cartório, no ano de 1928, das 646 crianças que nasceram naquela cidade 60% eram filhos (as) de pais estrangeiros. Nesse mesmo ano, entre as 224 pessoas que se casaram, 56% eram estrangeiras e apenas 44% brasileiras<sup>12</sup>, o que prova a significativa presença dos estrangeiros até mesmo numa faixa relativamente jovem.

Como se nota, o estudo da classe trabalhadora no ABC, principalmente em seus primórdios, passa necessariamente pela figura do imigrante europeu. E aqui, como já ficou demonstrado

anteriormente, o contingente de trabalhadores italianos foi, sem dúvida, numericamente superior<sup>13</sup>. Se é verdade que o grande afluxo de portugueses e espanhóis para a região vai permitir, com o passar dos anos, que essas duas colônias assumam respectivamente o primeiro e segundo lugar em termos numéricos, o fato é que até 1940, ainda eram os italianos que formavam a maior colônia de estrangeiros ali presentes. Nesse ano, sozinhos, eles somavam 30% entre todos os imigrantes, seguidos pelos portugueses com 19,6% e pelos espanhóis com 14,8%, conforme a tabela seguinte:

### POPULAÇÃO ESTRANGEIRA, SEGUNDO AS PRINCIPAIS NACIONALIDADES (1940)

Região do ABC*		
Nacionalidades	Nºs Absolutos	% sobre o total de estrangeiros
Alemães	1.282	7,5%
Espanhóis	2.516	14,8%
Italianos	5.121	30,1%
Japoneses	1.133	6,6%
Portugueses	3.338	19,6%
Outras	3.610	21,2%
Total	17.000	100,0%

\* No período de 30 de novembro de 1938 a 30 de novembro de 1944 a cidade de Santo André foi sede de toda a região do ABC.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Recenseamento Geral de 1940.

Essa supremacia italiana podia ser facilmente percebida através das entidades associativas de caráter assistencial, criadas nos três maiores núcleos urbanos da região, que congregavam exclusivamente os italianos, ou, até mesmo, pela utilização da língua e dos dialetos italianos na comunicação entre os imigrantes e, muito freqüentemente, também entre os demais trabalhadores<sup>14</sup>.

No que diz respeito à presença dos migrantes internos na composição da classe trabalhadora do ABC, o fenômeno deve ser analisado no interior de um processo contínuo e ininterrupto que atravessa um período de mais de meio século. A própria intensidade da migração e a origem dos trabalhadores que chegam àquela região possibilitam distinguir dois grandes momentos, ainda que a linha demarcatória que os separa deva ser necessariamente flexibilizada.

O primeiro deles está associado à aceleração inicial do processo industrial no ABC e tem lugar a partir de meados da década de 1930, estendendo-se até o final da primeira metade deste século.

Como a mão-de-obra composta pelas colônias estrangeiras e pela pequena quantidade de brasileiros instalados na região não mais atendia à crescente demanda criada pela nova realidade industrial, coube aos trabalhadores de outras localidades do país responderem a essa necessidade do capital. Aos poucos, o ABC transformou-se num grande polo de atração de migrantes e, por conseguinte, em depositário das esperanças por melhorias de vida para milhares de brasileiros.

Os estrangeiros, que em 1920 somavam 27% da população de toda região, passam a conviver com uma progressiva diminuição do seu número relativo, de tal forma que, em 1940, esse índice já havia caído para 18,9% e, em 1950, estava reduzido a 11,2% do total dos moradores do ABC, como pode ser observado na tabela a seguir:

### EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ESTRANGEIROS EM RELAÇÃO AO TOTAL DA POPULAÇÃO

Ano	Estrangeiros	% dos estrang. sobre o total da população
1920	6.833	27,1 %
1940	17.000	18,9 %
1950	24.226	11,2 %

\* No ano de 1920 a região tem como sede a cidade de São Bernardo; em 1940, a cidade de Santo André; e, em 1950, constam três municípios autônomos: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Fonte - Ministério da Indústria e Comércio, Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento de 1920; e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Recenseamentos de 1940 e 1950.

Nesse período, embora já se observe a chegada de trabalhadores de vários estados e regiões do país, é do interior do próprio estado de São Paulo de onde vem a grande maioria. De fins de 1945 a abril de 1947, em 213 fichas de admissão pertencentes a três empresas do ramo de fiação e tecelagem instaladas em Santo André, apenas 6,25% registravam a presença de estrangeiros. Em contrapartida, 66,15% desses trabalhadores eram migrantes provenientes do interior do estado de São Paulo. Quanto aos demais, 8,65% eram provenientes de outros estados brasileiros e 18,95% deles haviam nascido na própria cidade de Santo André<sup>15</sup>.

A especificidade da exploração agrícola na região, onde prevaleceram as colônias compostas basicamente por imigrantes europeus, é em grande medida responsável pela pequena presença de ex-escravos negros e seus descendentes na composição da mão-de-obra industrial em seu período inicial. Entretanto, mesmo

em meados do século, quando há pelo menos duas décadas o ABC já se tornara um polo atrativo da migração interna, os trabalhadores negros do país ainda não haviam tido acesso a esse tipo de atividade econômica ali desenvolvida. Em 1950, entre os 216 mil moradores da região 90% eram de cor branca e apenas 4% declararam-se negros<sup>16</sup>.

O último estágio aqui considerado como significativo para a composição social da classe trabalhadora no ABC Paulista inicia-se na década de 1950 e corresponde ao período de grande explosão industrial e populacional da região.

Embora também nessa fase o interior do estado de São Paulo continue sendo a maior fonte fornecedora de mão-de-obra para as empresas locais, o que chama a atenção nesse período é a expressiva presença de nordestinos e mineiros na composição das correntes migratórias que para ali convergem.

O crescimento populacional assume proporções gigantescas e o número de moradores naturais dos próprios municípios do ABC torna-se extremamente reduzido diante da totalidade dos migrantes que passam a habitar a região<sup>17</sup>.

Em 1960, acima de 330 mil moradores, o que corresponde a 67% de toda a população local, eram pessoas nascidas fora dos municípios onde residiam. Apesar do IBGE não dispor dos mesmos dados para a década anterior, 187 mil desses migrantes declararam já residir no ABC há mais de seis anos, o que demonstra que esse fenômeno já se verificava desde início dos anos 50<sup>18</sup>.

Com a inclusão, no recenseamento de 1970, dos itens naturalidade e procedência, o fenômeno da migração para o ABC pode ser apurado ainda com maior grau de precisão. Nesse ano, como pode ser conferido nos quadros seguintes, o número de moradores ali residentes nascidos fora dos municípios em que estavam radicados havia aumentado para 681 mil, o que representava 68,6% da população total. Desses migrantes, 16% tinham origem nordestina e 13% eram naturais do estado de Minas Gerais.

## BRASILEIROS NATOS, NÃO NATURAIS DOS MUNICÍPIOS ONDE RESIDEM, COM INDICAÇÃO PARA AS NATURALIDADES PREDOMINANTES - 1970

Região do ABC\*

NATURALIDADE					
São Paulo		Nordeste		Minas Gerais	
N <sup>os</sup> Absolutos	% sobre total da população	N <sup>os</sup> Absolutos	% sobre total da população	N <sup>os</sup> Absolutos	% sobre total da população
710.359 **	71,5 %	109.409	11,0 %	88.085	8,9 %

\*No ano de 1970 existiam no ABC sete municípios autônomos: Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

\*\*Entre as pessoas naturais do estado de São Paulo, evidentemente, também estão incluídas as nascidas na região do ABC Paulista.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Recenseamento Geral de 1970.

## PESSOAS NÃO NATURAIS DOS MUNICÍPIOS ONDE RESIDEM, POR LUGAR DO DOMICÍLIO ANTERIOR, COM INDICAÇÃO PARA AS LOCALIDADES PREDOMINANTES - 1970

Região do ABC\*

PROCEDÊNCIA (Local do domicílio anterior)					
São Paulo		Nordeste		Minas Gerais	
N <sup>os</sup> Absolutos	% sobre total da população	N <sup>os</sup> Absolutos	% sobre total da população	N <sup>os</sup> Absolutos	% sobre total da população
508.887	51,2 %	60.326	6,0 %	54.834	5,5 %

\*No ano de 1970 existiam no ABC sete municípios autônomos: Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Recenseamento Geral de 1970.

É interessante notar que expressivo número de migrantes nordestinos e mineiros não se dirigiu diretamente para a região do ABC, após deixar a sua terra natal. Dos 109 mil nordestinos residentes nos municípios do ABC na época do recenseamento, 49 mil declararam como domicílio anterior localidades não pertencentes ao nordeste. No caso dos mineiros, dos 88 mil radicados no ABC, apenas 54,8 mil procediam diretamente daquele estado.

Outro aspecto relevante, revelado pelo censo de 1970, também diz respeito à situação domiciliar dos migrantes, nos locais de sua procedência. Dentre eles, 19% eram provenientes de zonas rurais<sup>19</sup>. Isso torna claro que, de alguma forma, a grande maioria passara por algum tipo de experiência urbana, anteriormente a sua chegada na região do ABC.

É no interior desse complexo e diversificado contexto urbano que os trabalhadores do ABC se constituem enquanto sujeitos coletivos. Como pano de fundo, configura-se uma necessidade comum a todos: a luta pela sobrevivência. Para uns, essa

alternativa é buscada através do pequeno negócio, no qual os patrões e seus empregados praticamente se igualam em poder aquisitivo ou estilo de vida. Outros, mergulham na informalidade, nos afazeres domésticos, no subemprego, no trabalho de biscates. Para a grande maioria, o emprego formal é a solução. Como opções, engajam-se no trabalho do comércio, dos bancos, das instituições públicas, da construção civil ou das centenas de indústrias pequenas, médias e grandes, com destaque evidentemente para as gigantescas multinacionais.

Na bagagem, esses trabalhadores carregam uma gama incomensurável de sonhos, utopias, esperanças, valores e símbolos gestados nas muitas origens, a partir de experiências culturais diversificadas. Quantas falas, religiosidades, crenças, mitos e padrões comportamentais ali se encontram e, ao longo dos anos, se chocam, entram em conflito e também são socializados! Quantas sociabilidades são desfeitas e refeitas no vivenciar cotidiano das experiências adaptativas! É tarefa difícil, senão impossível, quantificar os obstáculos, dificuldades e lutas enfrentadas por esses trabalhadores para minimizarem as condições de pobreza e sofrimento a que estão expostos no interior daquela realidade, cujo padrão de desenvolvimento industrial e urbano, moldado à feição da classe dominante, orienta-se fundamentalmente pela lógica da acumulação de capital.

Por tudo isso, para esses trabalhadores, a região do ABC, mais do que local de moradia e de trabalho, é também um espaço de trocas, de elaboração e reelaboração dos valores culturais, enfim, é um universo de constituição da identidade coletiva, de construção permanentemente renovada do existir enquanto classe trabalhadora.

## Notas

<sup>1</sup> Situada na região metropolitana da Grande São Paulo, com vários dos seus municípios fazendo divisa com a capital do Estado, a região do ABC Paulista é composta hoje pelos seguintes municípios: Diadema, Mauá, Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

<sup>2</sup> De acordo com o levantamento feito por Barbosa sobre os imigrantes que compuseram a colônia de São Bernardo, após instalarem-se na região 52,7% deles passaram a dedicar-se à agricultura e 11% à produção do carvão vegetal, atividades braçais de natureza semelhantes. Os demais distribuíram-se entre atividades comerciais, fabricação de móveis, tecelagem e vários ramos do artesanato. Conf. Newton Ataliba Madsen



Barbosa. **Imigração Italiana em São Bernardo do Campo**, São Bernardo do Campo, Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, 1975, mimeo., pp. 93-94.

<sup>3</sup> Conf. Jornal de São Caetano, 26-07-1986. Sobre isso ver também, José de Souza Martins. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*, São Paulo, Pioneira, 1973.

<sup>4</sup> Em ofício encaminhado à Câmara Municipal de São Bernardo pela Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em abril de 1902, além de denunciar e condenar os crimes cometidos pelos intermediários, o documento orientava que esse serviço era prestado gratuitamente pelo Estado bastando para isso que os interessados encaminhassem àquela secretaria os seguintes documentos: a) Carta do colono chamante ao parente chamado; b) Relação das pessoas chamadas e seus respectivos graus de parentesco; c) Carta do fazendeiro declarando o vínculo empregatício do colono em sua lavoura e que os futuros imigrantes ali encontrariam trabalho e colocação. Conf. ofício da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, São Paulo, 18-04-1902. De acordo com o depoimento do árabe Mohamad Youssef, os primeiros migrantes “vieram para o Brasil entusiasmados com a grandeza geográfica e, depois, mandaram buscar parentes e amigos dizendo que tinham encontrado um lugar hospitaleiro”. Conf. Jornal DGABC, 25-06-1991.

<sup>5</sup> Conf. Jornal DGABC, 27-07-1991.

<sup>6</sup> Conf. Ademir Medici. Ribeirão lembra 100 anos dos imigrantes italianos, Jornal DGABC, 25-09-1988.

<sup>7</sup> Conf. Boletim Escolar da Colônia do Rio Grande, Município de São Bernardo, 31-01-1918.

<sup>8</sup> Conf. Jornal DGABC, 25-06-1991.

<sup>9</sup> A industrialização no ABC Paulista teve início nos últimos anos do século passado e na primeira década deste. Na década seguinte, foi a vez das multinacionais Rhodia Química, Pirelli SVA e Atlantis do Brasil se instalarem na região.

<sup>10</sup> Paulo Sérgio Pinheiro. *O Proletariado Industrial na Primeira República*, in: Boris Fausto (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**, tomo III - O Brasil Republicano, 2º volume - Sociedade e Instituições (1889-1930), São Paulo, DIFEL, 1985, 3ª ed.: 139.

<sup>11</sup> Na opinião de Pinheiro, no Brasil, nesse período, “terá especial significado, no que se poderia considerar como classe operária, a presença da mão de obra estrangeira composta pelos imigrantes europeus”. Conf. Paulo Sérgio Pinheiro. **O Proletariado Industrial na Primeira República**, op. cit.: 138.

<sup>12</sup> Conf. S. Caetano Jornal, 13-01-1929.

<sup>13</sup> Cabe lembrar que não se trata de especificidades do ABC contar com

esse expressivo número de imigrantes italianos, pois, segundo Petrone, dos 3,5 milhões de imigrantes que entraram no Brasil no período de 1890 a 1929, mais de um terço eram italianos. Conf. Maria Tereza Schorer Petrone. Imigração. In: Boris Fausto (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**, tomo III - O Brasil Republicano, 2º volume - Sociedade e Instituições (1889-1930), São Paulo, DIFEL, 1985, 3ª ed.: 100.

<sup>14</sup> Exemplo revelador dessa expressiva presença dos italianos na região do ABC é o de Cândido Piccolo. Após deixar a Itália em 1921 com sua família, para trabalhar nas fazendas de café da Região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, ele estava profundamente insatisfeito com as condições oferecidas pelo fazendeiro. Foi aí que Piccolo recebeu uma carta de um amigo que já estava morando em São Caetano informando tratar-se de uma cidade habitada por muitos vênetsos, e onde se falava quase exclusivamente o italiano ou o próprio dialeto. Daí, a sua decisão de também instalar-se naquela cidade. Conf. Oscar Garbelotto. Da Itália a São Caetano: a trajetória da família de Cândido Piccolo. Revista Raízes, nº 2, São Caetano do Sul, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1989, pp. 39-43.

<sup>15</sup> Ademir Medici. **9 de Novembro de 1947: A Vitória dos Candidatos de Prestes**, Santo André, 1990, mimeo. pp. 22-23.

<sup>16</sup> Conf. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Recenseamento geral de 1950.

<sup>17</sup> Cabe alertar que isso se torna ainda mais significativo quando se atenta para o fato de que em meados do século pelo menos duas gerações de moradores já se encontravam radicadas na região, isso para me ater apenas ao período em que os núcleos urbanos locais adquiriram importância no cenário nacional.

<sup>18</sup> Conf. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Recenseamento Geral de 1960.

<sup>19</sup> De acordo com o censo de 1970, entre as pessoas da região do ABC não naturais dos municípios em que residiam, 551.066 eram procedentes de zonas urbanas e 130.317 de zonas rurais. Conf. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Recenseamento Geral de 1970.